



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Andrade de Melo, Victor  
As camadas populares e o remo no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX/XX  
Movimento, vol. VI, núm. 12, 2000, pp. 63-72  
Escola de Educação Física  
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115318167008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# As camadas populares e o remo no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX/XX

Victor Andrade de Melo\*

## Resumo

No Brasil, ainda não são fartos os estudos sobre a apreensão do esporte pelas camadas populares. O objetivo deste estudo é discutir a presença, a participação e o relacionamento das camadas populares com o esporte, especificamente o remo, no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX/XX, momento de estruturação do campo esportivo no país. Ao final, sugere-se que não seja adequado afirmar que as camadas populares apreenderam o remo, mas por certo deve-se considerar que tiveram uma participação ativa na consolidação e organização dessa prática esportiva.

## Abstract

In Brazil, we don't have a significant number of studies about the relation between sport and the working class. This article has for purpose to argue about the presence and the participation of working class members in sporting events, specifically of rowing, in the 19th/20th century culture of Rio de Janeiro. In that moment, we could observe the first moments of modern sport in Brazil. At the final, I conclude

that it is not possible to assert that working class had a complete relation with rowing clubs, but certainly they had an active participation in development and organization of that sporting practice.

No Brasil, ainda não são fartos os estudos aprofundados sobre a apreensão do esporte pelas camadas populares, principalmente no século XIX e início do XX, momento de estruturação do campo esportivo no país.<sup>1</sup> Mesmo na Europa, Estados Unidos e Canadá, países onde está mais avançado o estudo da história do esporte, é relativamente recente o surgimento de tais preocupações.<sup>2</sup>

Não parece ser tão fácil construir uma abordagem dessa natureza. Mesmo que as pesquisas relativas às camadas populares tenham avançado muito nos últimos anos, não tão grandes foram os avanços relacionados ao estudo de sua vida cotidiana, até mesmo pela dificuldade de obtenção de fontes, muitas vezes representações de posições das elites.

Isto por certo dificulta compreender melhor a dinâmica específica de vida daquelas camadas. Mesmo no caso específico do cotidiano da classe operária, normalmente mais documentado devido às suas características de organização, tal dificuldade permanece:

*No caso brasileiro, tal como na Europa, as condições operárias foram enfocadas a partir do aspecto físico e moral, através de relatórios de médicos, inspetores, sanitaristas. (...) Os depoimentos e análises de operários são extremamente raros, onde ex-escravos, migrantes rurais e imigrantes europeus eram, na sua maioria, analfabetos. (...) Os trabalhos sobre os operários negligenciaram o estudo das condições de vida.<sup>3</sup>*

No que se refere ao esporte, tal constatação parece ser bem adequada. Deve-se admitir que a continuidade de pesquisas é fundamental para que se ampliem nossas compreensões. De qualquer forma, algumas importantes considerações podem ser traçadas e o objetivo deste estudo é exatamente discutir a presença, participação e relacionamento das camadas populares com o esporte, especificamente o remo, no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX/XX.

*Na verdade, compreendia-se que as camadas populares possuíam uma condição de vida "suja", com hábitos "desregrados" e valores constantemente relacionados à festa, às bebidas, à promiscuidade, devendo, portanto, ser "disciplinadas".*

***Mas se o remo era apresentado como alternativa "saudável" que deveria substituir as práticas "bárbaras" das carnadas populares, como isso se deu?***

Se desde o início do campo esportivo ficava estabelecido um grupo com acesso privilegiado (as elites) e apontava-se uma determinada representação de esporte segundo os interesses de tal grupo,<sup>4</sup> isso não significava a exclusão da participação das camadas populares. Na verdade, a popularização do esporte sempre foi esperada, tanto no sentido de economicamente tornar viável a atividade, como de apresentar e marcar para a população em geral quem eram as elites. Tratava-se de difundir códigos por entre a população, estabelecendo a diferença entre aqueles que não somente os dominavam, mas poderiam manipulá-los com maior propriedade.

Além disso, no fim do século, tratava-se de apresentar o esporte como um substituto moderno e adequado para as antigas práticas tradicionais da população. O movimento de moralização e controle social, característico das mudanças no contexto sócio-cultural do Rio de Janeiro naquele momento, tinha injunções bastante diretas e incisivas nas camadas populares e buscava não só atingir seus jogos, como também a sua religiosidade (a "macumba"), a capoeira (permanente perseguida a partir do quartel final do século)<sup>5</sup> e mesmo suas formas de festejos, inclusive o carnaval.<sup>6</sup>

Na verdade, compreendia-se que as camadas populares possuíam uma condição de vida "suja", com hábitos "desregrados" e valores constantemente relacionados à festa, às bebidas, à promiscuidade, devendo, portanto, ser "disciplinadas".

De fato, os jogos ligados às camadas populares eram freqüentemente proibidos (como a víspera, a roleta e a lota), enquanto aqueles presentes nos fóruns das elites gozavam de reputação e muitas vezes eram mesmo denominados de esporte (como o xadrez e a dama). Se a prática era freqüente entre as camadas populares, logo era considerada motivo de ação policial, algo pernicioso, ligado a uma consideração pejorativa de "jogo". Já se as elites os praticavam, ganhavam um caráter aristocrático, logo se constituindo em um possível sinal de *status*.

Essa ação contras as práticas das cama-

das populares era bastante notável no caso das brigas de galo<sup>7</sup> e touradas. Essas práticas populares, consideradas bárbaras e violentas, passaram a ser tidas como indignas para um país que se pretendia moderno.

Tal processo de "saneamento" parece ter sido bastante semelhante ao que aconteceu em alguns países europeus. Douglas Reid<sup>8</sup> analisa processo semelhante na Inglaterra, procurando demonstrar o confronto entre os que defendiam o fim das brigas de galos e das touradas em nome do processo de civilização, e os que, a despeito disso, continuavam freqüentando tais manifestações. Para o autor, o que efetivamente ocorreu é que tais práticas continuaram sendo observadas entre as camadas populares, de forma clandestina, mesmo quando outros esportes "civilizados" ocuparam espaço significativo.

Encontramos uma crítica brasileira a proibição das brigas de galos e touradas na edição do Jornal de Brasil de 1 de janeiro de 1893. Na verdade, não era tanto um questionamento aos impedimentos para a realização de brigas de galos e touradas, mas sim uma crítica à incoerência de tal processo. Ao comentar a realização de lutas de boxe no Rio de Janeiro, o colunista acha que é um contra-senso que a Inglaterra tenha proibido as brigas de galos e touradas, enquanto estimula as lutas de boxe, a seu ver extremamente violentas.

Isso era plenamente compreensível se encararmos o boxe como uma atividade de "entusiasmo controlado". Isto é, se realmente as origens da luta se encontravam e se alinhavam com o gosto popular, podia-se transformá-la, controlá-la e adequá-la a novos sentidos, gerar um mercado ao seu redor, criando-se até mesmo um discurso que a ligava a uma prática saudável.

Interessante também era a constante posição contrária de Machado de Assis às touradas:

*O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi. Não sei se já disse alguma vez que prefiro comer o boi à vê-lo na pra-*

ça. Não sou homem de touradas; e se é preciso dizer tudo, detesto-as.<sup>9</sup>

Para Machado de Assis, tal prática denotava uma violência extrema, não adequada aos novos tempos. Chegava a ironizar a realização de uma tourada com fim de "promover caridade", na qual compareceu numerosa e "seleta" platéia. Surpreendia-o que gente de "fino trato" assistisse àquela ferocidade, supostamente com fins humanitários, fingindo que não era um espetáculo violento. Para mostrar a hipocrisia que havia ao redor da prática, apresenta um suposto diálogo que manteve com um amante das touradas:

- Não imagines que são touradas como as de Espanha. As de Espanha são bárbaras, cruéis. Estas não têm nada disso.  
 - E entretanto...  
 - Assim, por exemplo, nas corridas de Espanha é uso matar o touro...Nesta não se mata o touro; irrita-se, ataca-se, esquiva-se, mas não se mata...  
 - Ah! Na Espanha mata-se?  
 - Mata-se...E isso é o que é bonito! Isso é que é comoção! ...  
 Entenderam a chave da anedota? No fundo de cada amador de tourada inocente, há um amador de tourada espanhola. Começa-se por gostar de ver irritar o touro, e acaba-se gostando de o ver matar".<sup>10</sup>

Enfim, as práticas de grande penetração no gosto popular começaram a ser combatidas, no âmbito do mesmo processo de moralização e controle social que colocaria em questão mesmo as apostas (o que levaria os clubes de remo a eliminar tal costume de suas competições) e alguns jogos de azar menos aristocráticos.

O remo, que se desenvolvia adaptado aos discursos de saúde, progresso e moralidade,<sup>11</sup> ajustou-se plenamente a essa marca do projeto de modernização: a substituição e a destruição de práticas/espços sociais tradicionais (que passam a ser considerados ultrapassados, não-civilizados) por outros julgados "adequados", segundo o padrão que interessava às elites. Mas se o remo era apresentado como alternativa "saúdável" que deveria substituir as práticas "bárbaras" das camadas populares, como isso se deu?

É fato que as camadas populares estavam sempre presentes nos eventos náuticos, assistindo às competições da forma que fosse possível:

*A enseada inteira se engalana para os dias de certame marítimo. O povo trepa no cais. Cruzam carruagens. No lado do mar há barcas da Cantareira, pejudas de povo, com charangas, com danças e namoros. Além das barcas, rebocadores e lanchas pejudas de famílias. Até as 6 horas da tarde é um delírio no mar, na praia. (...) Respira-se, em todo o caso, um ambiente de alegria, de mocidade, de festa, que agrada e que faz bem.<sup>12</sup>*

O comentário de Raul Pompéia sobre uma regata realizada pelo clube Guanabareense também pode dar uma idéia da participação das diversas camadas da população:

*E incalculável a população que se moveu para os festejos em todos os arrabaldes. Os bonds não podiam conter a lotação desmedida do tráfego, principalmente da volta. (...) A Praia de Botafogo, extensíssima e larga, era insuficiente para acomodar o trânsito e o estacionamento dos veículos, do povo, que ali apareceu na noite de domingo.<sup>13</sup>*

Apesar dessa afluência de público, não se pode dizer que não havia restrições à participação. Até a transição dos anos 1880/1890, existia até mesmo a possibilidade de membros das camadas populares participarem das competições como remadores, embora nunca fossem dirigentes ou associados a clubes. Alberto Mendonça menciona que foram catraeiros e pescadores os que primeiramente se interessaram pelas corridas de barcos. Muitos grupos de remadores se inscreviam por conta própria nas regatas, sem representar a bandeira de nenhuma associação náutica: "Assim de mistura com clubs perfeitamente constituídos, havia esparsos esses pequenos, porém, fortes elementos, para darem incremento de valia às festas marítimas".<sup>14</sup>

Tal possibilidade, contudo, não perdurou, e logo exigiu-se que os remadores fossem associados aos clubes, o que excluía a possibilidade de participação como remadores de membros das camadas populares. Mesmo as suas possibilidades de assistir às competições foram limitadas. Se era mais fácil ter acesso às regatas, já que se desenrolam nas praias - logo, não sendo necessário pagar ingressos, como nos hipódromos - deve-se considerar que arquibancadas montadas pelo clubes, e principalmente o Pavilhão de Regatas,<sup>15</sup> acabaram por "selecionar melhor o pú-

**Mas se as camadas populares passaram a sofrer a influência de um modelo construído pelas elites, não deixaram de interferir na prática específica que estava surgindo: uma tentativa de domesticação que deve ser compreendida como um processo de dupla via de reinterpretação; não passivo.**

blico", impedindo a "mistura" entre camadas sociais.

Mas, mesmo presentes nas regatas, teriam as camadas populares seguido a lógica das elites e incorporado os sentidos que estas desejavam propagar? De acordo com Alain Corbin, quando:

*... no início dos anos 1840, na Europa inteira, a estrada de ferro atinge o litoral e um novo dispositivo de progresso vem alterar a fisionomia das estâncias (...) a figura da praia se turva, os mitos de entrecruzam, os estereótipos se acumulam em uma confusa concorrência.<sup>16</sup>*

***Para se ter uma idéia dos limites da participação política possível, cerca de 80% da população estava excluída do direito de voto.***

Isso poderia ter se dado de forma diferenciada no Rio de Janeiro, inclusive devido às características da organização geográfica da população. A cidade nasceu bem próxima do mar, o que permitiria às camadas populares um acesso mais facilitado às praias. Todavia, a ocupação ou não desses espaços não decorria da proximidade geográfica, e sim de injunções culturais.

A princípio, para os membros das camadas populares que moravam nas praias mais distantes do centro da cidade, o mar fazia parte de seu cotidiano. Já para os que moravam mais próximo do centro, e estavam mais imersos e sujeitos aos imperativos sociais, a relação de distância com o mar era observável,<sup>17</sup> embora possivelmente de maneira mais atenuada do que para os indivíduos das elites.

De qualquer forma, para as camadas populares o uso do mar não estava naquele momento ligado aos aspectos higiênicos, à saúde e à estética, seguindo uma lógica completamente diferenciada, inclusive no que se refere ao pudor, do que esperava o projeto das elites. Alberto Mendonça,<sup>18</sup> Inezil Penna Marinho<sup>19</sup> e Luiz Edmundo<sup>20</sup> dão fartos exemplos de como tais camadas (ressaltando-se os pescadores) faziam uso do mar para suas atividades lúdicas, algumas inclusive ligadas à cultura corporal de movimento, embora não se deva considerar tais atividades como esportivas. Tais práticas estavam na verdade ligadas a sua necessidade de sobrevivência e/ou às suas tradições, aos seus hábitos, às suas festas.

Tal forma de relacionamento com o mar e com as praias acabaria modificado pelas diversas iniciativas de regulamentação e controle implementadas a partir da articulação de considerações médicas/morais/estéticas, e mesmo simplesmente pelo desejo de imitar os membros da elite que passaram cada vez mais a chegar perto do mar. A citação de Alain Corbin, ainda que se refira à realidade europeia, pode ajudar a compreender, com ressalvas, o que houve na cidade do Rio de Janeiro no que se refere à ocupação do mar e das praias:

*... a figura do habitante das praias perde sua solidez. (...) Nesse meio tempo a domesticação imposta (...) diminui e manifesta, a uma só vez, a distância que separa o turista dos trabalhadores da areia e do sargaço. Em breve as classes dominantes virão deliberadamente oferecer-se como espetáculo a essa gente das praias, obrigada a ceder este espaço a um novo teatro social.<sup>21</sup>*

A princípio o habitante das praias assistiu à construção de suntuosas casas de membros das elites ao lado de suas modestas residências. Depois, suas casas foram compradas (ou desapropriadas). Suas práticas de banhos de mar foram regulamentadas. E mesmo sua possibilidade de participar em eventos de remo foi restrita, devido ao rígido regulamento dos clubes.

Mas se as camadas populares passaram a sofrer a influência de um modelo construído pelas elites, não deixaram de interferir na prática específica que estava surgindo: uma tentativa de domesticação que deve ser compreendida como um processo de dupla via de reinterpretação; não passivo.

Richard Morse argumenta que as praias cariocas, pensadas a princípio como estratégias populistas de pacificação e controle, foram incorporadas de forma ativa pela população, o que torna difícil traçar paralelos com outras praias do mundo:

*"Assim as praias cariocas reificadas como pão-e-circo não são aquelas experimentadas como teatro. Aqui não se encontra nem a arregimentação e a homogeneização das massas de Coney Island e da 'Riviera' do Mar Negro soviético, nem a segregação privatista com base na*

*renda. (...) Os grupos sociais e étnicos se amontoam mas não se segregam, e os corpos dramaticamente expostos substituem sutilmente as hierarquias dos ambientes de trabalho pela elementar hierarquia corporal.*<sup>22</sup>

É importante compreender melhor as possibilidades e iniciativas de resistência e articulação das camadas populares naquele momento. Deve-se ter em conta que o quartel final do século XIX foi marcado por um grande número de tensões sociais, que se desenvolveram como consequência do crescimento urbano (que acabava por destacar mais as diferenças sociais), da industrialização e do surgimento de uma classe operária. Se o Rio de Janeiro, por ser a maior cidade e centro econômico, político e cultural do País, sentiu em grau bastante intenso as rápidas mudanças ocorridas na transição do século, seus habitantes também estiveram entre aqueles que mais se envolveram com os conflitos ocasionados por tais mudanças.<sup>23</sup>

Certamente nesse momento as camadas populares já estavam mais críticas e organizadas,<sup>24</sup> mas não tanto a ponto de politicamente conseguirem grandes vitórias, embora tenham obtido algumas conquistas significativas, fruto de algumas greves realizadas.<sup>25</sup> Na verdade, a construção de espaços políticos de intervenção foi claramente dificultada pelo modelo de "democracia" imposto.<sup>26</sup>

Para se ter uma idéia dos limites da participação política possível, cerca de 80% da população estava excluída do direito de voto. José Murilo de Carvalho procura trabalhar exaustivamente a idéia de que, como as possibilidades políticas de participação eram muito limitadas, era mesmo no cotidiano que a população entabulava resistências:

*Havia no Rio de Janeiro um vasto mundo de participação popular. Só que este mundo passava ao largo do mundo oficial da política. (...) A participação que existia era de natureza antes religiosa e social e era fragmentada.*<sup>27</sup>

Rosa Maria Barbosa Araújo também faz eco a essa perspectiva:

*Ao contrário da inicial expectativa popular com*

*a mudança do regime, a República neutralizou politicamente a cidade. (...)Esse imobilismo, contudo, não impediu que o povo tivesse opinião sobre os acontecimentos e as ações do governo, nem muito menos que as classes populares se manifestassem publicamente. Ainda que o exercício da cidadania fosse limitado, o povo rebelou-se em explosões periódicas, mostrando insatisfação, apresentando suas reivindicações e denunciando arbitrios.*<sup>28</sup>

Isto é, se poucas resistências podem ser observáveis no campo da política propriamente dita, fundamentalmente as encontramos no cotidiano, naquilo que se costuma considerar como periférico, inclusive nas atividades lúdicas/tradicionais. Era na negativa da "pasteurização" de sua cultura (nas resistências no carnaval, na capoeira, no circo, nos jogos de azar, entre outros) que as camadas populares refaziam os códigos, modificavam as regras, mesmo que aparentemente se submetessem a alguns regulamentos.

O processo de resistência não se dava somente no interior da lógica capitalista, mas fundamentalmente no sentido de conservar o estilo de vida que tinham no período colonial. E tal processo ganha grande importância já que:

*O endeusamento do modelo parisiense é concomitante ao desprestígio de nossas tradições. Vive-se o apogeu da ideologia cientificista que transforma a modernidade em um verdadeiro mito, cultuado pelas nossas elites. Mais do que nunca a cultura popular é identificada com negativismo, na medida que não compactua com os valores da modernidade.*<sup>29</sup>

Nesse sentido compreende-se, por exemplo, por que, a despeito das ações governamentais, o jogo do bicho não foi eliminado até os dias de hoje. Segundo Micael Herschmann e Katia Lerner, "Talvez um dos exemplos mais ilustres e célebres de resistências às normas e modelos estabelecidos pelo Estado foi o realizado pelo Jogo do Bicho".<sup>30</sup> Mais ainda, os autores percebem como os conflitos ao redor desse jogo estavam ligados ao sentido que as atividades lúdicas logravam na sociedade de então:

*A penetração que obteve na sociedade carioca da Belle Époque demonstra como seus elementos lúdicos encontravam eco no imaginário dos agentes sociais de então (ela que perdura até hoje, haja visto seu crescimento e consolidação).*<sup>31</sup>

***Aliás, os atos de destruição estiveram entre as principais formas de resistência das camadas populares. Basta lembrar da Revolta do Vintém e da Revolta da Vacina.***

*Não se pode negar que ao redor do esporte havia o intuito de controle corporal da população por parte das elites, até mesmo porque, na transição do século XIX para o XX, já eram notáveis ações mais estruturadas no que se refere a uma intervenção pedagógica no âmbito da higiene das camadas populares, ...*

A continuidade da existência do jogo do bicho, das brigas de galo, das touradas, fruto tanto da resistência das camadas populares quanto dos conflitos no interior das elites, demonstra que a repressão a tais atividades tinham mais efeito moral do que efetividade no exterminar dessas "práticas bárbaras".

Gareth Stedman Jones<sup>32</sup> chama a atenção para uma outra dimensão no que se refere ao controle social do tempo do não-trabalho das camadas populares. Para ele, além dos impedimentos e restrições, as ações estavam também destinadas à capitalização do mercado de lazer, o que possibilitaria o oferecimento de atividades consideradas adequadas à propagação dos valores que interessavam às elites. Já vimos que isso de fato ocorria no que se refere ao remo.

Mas Jones também exorta-nos a não acreditar que as camadas populares incorporaram passivamente tais valores. Para ele, compreender tal questão de forma linear e simplista, somente a partir do esquema "assimilação-adaptação-aburguesamento", é ser tão funcionalista como qualquer pensamento liberal.

Logo, mesmo que o esporte fosse apresentado como alternativa 'saúdável' e permitida, ele não conseguiu substituir as atividades 'bárbaras'. E se as camadas populares tomavam parte no espetáculo esportivo, principalmente no papel de torcedores, isso não se deu de forma passiva e/ou excludente no que se refere às outras atividades lúdicas existentes em sua cultura.<sup>33</sup>

Aliás, Nicolau Sevcenko<sup>34</sup> desenvolve uma discussão muito interessante sobre o próprio papel de torcida. Recuperando a origem da palavra (torcer-se, contorcer-se, remoer-se, contrair-se), o autor argumenta que esta não é uma função passiva. O torcedor participa ativamente, incorpora lances, influencia nos resultados. Se o torcedor incorpora valores, ele também os gera, apresenta dimensões que os clubes e atletas devem atender para que continuem tendo torcida.

Mais diretamente, os torcedores influen-

ciavam quando, por exemplo, os bondes mudavam o percurso para atendê-los, quando levavam os jornais a mediar as informações a partir de sua lógica (pois se não as vendas seriam fracassadas), quando denunciavam os "tribofes"<sup>35</sup> e quebravam as instalações esportivas devido às falcatruas nos resultados<sup>36</sup>:

*Os espectadores, logo que percebem as irregularidades do jogo, rebentam em improperios contra os jogadores. (...) A barulheira cresce. Referve. E o calão. E a descompostura da sargeta. E a obscenidade. Depois vem o murro, o pontapé, a bengalada, por vezes o tiro de revólver, e a depredação da casa da poule.<sup>37</sup>*

Aliás, os atos de destruição estiveram entre as principais formas de resistência das camadas populares. Basta lembrar da Revolta do Vin-tém e da Revolta da Vacina. A população sabia que os "tribofes" não estavam somente no turfê, nas regatas (mesmo em menor número) e nos esportes em geral. Também estava na imprensa, no Estado e na política, só restando a estratégia da turba:

*O povo sabia que o formal não era sério. Não havia caminhos de participação, a República não era para valer. Nessa perspectiva, o bestializado era quem levasse a política a sério, era o que se prestasse à manipulação. Num sentido talvez ainda mais profundo que o dos anarquistas, a política era tribofe. Quem apenas assistia como fazia o povo do Rio por ocasião das grandes transformações realizadas a sua revelia, estava longe de ser bestializado. Era bilontra.<sup>38</sup>*

É importante considerar que as camadas populares participavam também como apostadoras. Mesmo que se procurasse criar uma imagem de saúde ao redor do esporte, o que realmente parecia interessar àquelas camadas eram os prêmios em dinheiro. Daí decorre grande parte da intensa procura e popularidade do espetáculo esportivo. Alan Metcalfe é um dos autores que acredita que o caráter de jogo de aposta era fundamental para as camadas populares nesse primeiro momento de apreensão do campo esportivo:

*Eu creio que a predominância de prêmios em dinheiro e jogo/apostas refletem alguns atributos fundamentais da cultura da classe trabalhadora. O esporte não era um veículo para a demonstração de qualidades sociais; era para ganhar. Em alguns aspectos, o esporte era a con-*

*tinuação do esforço para sobreviver, mas era um esforço que poderia proporcionar uma vitória momentânea.*<sup>39</sup>

Também deve-se ter em conta que se a cidade se dividira drasticamente, aos pobres sendo destinado o espaço das periferias e as encostas dos morros, também se criaram espaços de Inter-relação. Em tais espaços é possível identificar uma fértil troca de experiências, mesmo que nem sempre explícita. Pode-se citar como um desses espaços a casa de Tia Ciata, responsável por grande parte do desenvolvimento do samba na cidade. Também o fato de as crianças das elites serem muitas vezes criadas por "mães negras", que de alguma forma lhes passavam um pouco de sua cultura.<sup>40</sup>

Como afirma Mônica Velloso, deve-se compreender que:

*Arremedando o poder, falando a sua linguagem, enfim, mostrando-se cúmplice com os seus valores, o grupo consegue burlar a vigilância das elites e preservar certa autonomia cultural. A tensão que polariza o salão - símbolo da cultura erudita - e o terreiro - símbolo da cultura popular - desfaz-se através dos biombos que deixam vazares e sinais nas duas direções. E o fenômeno da interpenetração cultural.*<sup>41</sup>

E por que não considerar as práticas esportivas como um desses espaços de inter-relação? Como vimos até aqui, as estratégias de diferenciação não foram suficientes para eliminar a participação popular ativa nos eventos de remo. Na verdade, no seio da cultura popular já existiam condições para o desenvolvimento do remo e do esporte em geral. Se isso ocorreu anteriormente foi devido às próprias resistências no âmbito das elites:

*Se o prestígio social atraía a população, o fato é que a cultura popular da cidade já era marcada tanto pelo valores da exuberância física quanto pelo espírito lúdico de precipitar os oponentes no ridículo pela destreza e rapidez, de movimento.*<sup>42</sup>

Obviamente, não se pode negligenciar que esses espaços de inter-relação também ampliaram a influência cultural que vinha das elites. Ao freqüentar o samba, a religião e as atividades festivas e lúdicas em geral, os membros das

elites acabavam por propagar sua compreensão acerca de tais atividades, o que muitas vezes era consentido pelas camadas populares, até mesmo para obter maior reconhecimento e aceitação.

Assim, a despeito de reelaborações e da participação ativa das camadas populares, temos que admitir que a compreensão que vinha das elites foi bastante influente e poderosa. Logo, não se deve superestimar esse processo de apreensão e resistência no que se refere às práticas esportivas.

Na verdade, não se pode considerar, no que se refere ao esporte, que houve algo similar ao que acontecia na música, por exemplo. Afirma Jeffrey Needell que "Numa sociedade amplamente iletrada como a brasileira, a música, ao contrário da literatura, era acessível a todos, e a contribuição do povo era rica e difusa".<sup>43</sup> O esporte era uma prática com uma dinâmica completamente diferente da música, de certa forma até mesmo mais "artificial", estando muito situada no âmbito das práticas culturais das elites, mais adequada a seu *ethos*.

Cabe então um posição de equilíbrio ao analisar o esporte entre as camadas populares, tanto no decorrer do século XIX quanto na virada do século. Não se pode negar que ao redor do esporte havia o intuito de controle corporal da população por parte das elites, até mesmo porque, na transição do século XIX para o XX, já eram notáveis ações mais estruturadas no que se refere a uma intervenção pedagógica no âmbito da higiene das camadas populares, expressa na publicação de manuais, no estímulo à prática da ginástica e da Educação Física nas escolas<sup>44</sup> e na permissão de acesso controlado a algumas práticas esportivas, iniciativas por certo também engajadas em um projeto de melhor controle e preparação da mão-de-obra.

Contudo, não se pode afirmar que a dimensão de controle corporal era única, central e obteve pleno êxito: houve reelaborações. Pois se, como visto, as camadas populares entabularam reelaborações e formas diferenciadas de apreender o objeto, elas nem sempre foram prio-

***Por fim, quero uma vez mais assumir os limites dessa compreensão relativa às camadas populares. Não foi realmente fácil conseguir muitos indícios sobre elas, fato comum entre os que estudam tal grupo na realidade brasileira.***



ritárias, até mesmo porque, ao contrário da música, o esporte estava menos diretamente ligado a sua cultura. Se resistências efetivas existiram, foi quando se tentou pasteurizar e controlar aquilo que fazia parte de sua cultura; seus hábitos e costumes. Enfim, não creio que seja adequado afirmar que as camadas populares apreenderam o remo, mas por certo tiveram uma participação ativa nessa prática esportiva.

No caso específico do esporte, somente mais tarde, com o futebol, ficaria mais explícito o processo de reelaboração e apreensão. Como afirma José Murilo Carvalho:

*Assim o mundo subterrâneo da cultura popular engoliu aos poucos o mundo sobterrâneo das culturas das elites. Das repúblicas renegadas pela República foram surgindo os elementos que constituiriam uma primeira identidade coletiva da cidade, materializada nas grandes celebrações do carnaval e do futebol.<sup>45</sup>*

Além disso, deve-se pensar o impacto do esporte na sociedade sem considerar as camadas populares como completamente dispostas a resistir aos sentidos propagados pelas elites, como também sem se renderem a eles por completo. Tais camadas também incorporaram muitos dos valores difundidos, até mesmo para deles fazer uso de acordo com seus interesses. Isso pode ser identificado no caso da dominação masculina, na questão das apostas e na utilização e percepção do esporte como forma de ascensão social.

Jones está entre aqueles que criticam os que vêem as camadas populares (destacadamente a classe operária) somente a partir de seu suposto "caráter revolucionário".<sup>46</sup> Ainda mais, deve-se tomar cuidado para não politizar extremamente as vivências esportivas e lúdicas. Para o autor:

*Claro que o carnaval, as férias ou as partidas de futebol podem converter-se em ocasião de lutas sociais importantes. Mas em todos os casos descobriríamos que atuaram como ocasião ou catalisadores dos acontecimentos que desencadearam e não como causa.<sup>47</sup>*

Para sintetizar, são adequadas as colocações de Alan Tomlison:

*Formas de esporte e lazer cresceram em padrões específicos das condições sociais. As formas de dominação potencialmente estabeleceram formas de resistência, mas não há nenhuma característica inerente ao esporte que o faça um objeto utópico ou subversivo no que se refere às estruturas de dominação.<sup>48</sup>*

Enfim, a ocupação do mar completava um ciclo. Antes era desconsiderado pelas elites, e somente os habitantes que residiam próximo às praias o utilizavam para as atividades de sobrevivência e/ou lúdicas ligadas a sua cultura. As elites começaram a ocupar as areias impulsionadas pelo seu caráter terapêutico e pelas possibilidades de contemplação. Posteriormente, um novo setor das elites ocupou as praias, já com outros sentidos, ligados diretamente às suas compreensões de saúde física e moral e aos desafios que eram lançados pelo progresso, pela industrialização. O remo desenvolve-se na cidade exatamente devido a tais injunções.

Nesse processo, os antigos habitantes das praias perderam espaço, assistiram tentativas de dizimar ou controlar suas antigas atividades lúdicas, permitidas agora segundo um novo padrão. Se não ocorreu o desaparecimento completo dos sentidos e significados originais de ocupação das praias, sem dúvida estes foram bastante alterados. Mas também acabaram por influenciar a nova prática que surgia. Como afirma Gilberto Velho:

*No terreno dos costumes e das mentalidades, ou da cultura de um modo mais sintético, assistimos à convivência e constantemente ao confronto de visões de mundo diferenciadas, quando não antagônicas. Todavia, no decorrer do processo de interação entre mentalidades e/ou culturas particulares, ao lado de inegável destruição material e simbólica, produzem-se combinações e transculturações (...) geradoras de novos significados e temas culturais.<sup>49</sup>*

Por fim, quero uma vez mais assumir os limites dessa compreensão relativa às camadas populares. Não foi realmente fácil conseguir muitos indícios sobre elas, fato comum entre os que estudam tal grupo na realidade brasileira. Com isso não estou a minimizar a importância das compreensões apresentadas, mas a assumir que se faz necessário continuar a busca de mais dados que nos permitam uma interpretação mais clara e aprofundada sobre o assunto.

NOTAS

<sup>1</sup>Maiores informações podem ser obtidas no estudo: MELO, Victor Andrade de. Cidade "Sportiva": o turfê e o remo no Rio de Janeiro (1849-1903). Rio de Janeiro: UGF, 1999. Tese (Doutorado em Educação Física).

<sup>2</sup>Maiores informações podem ser encontradas nos estudos: CANTELON, Hart, HOLLANDS, Robert (eds.). *Leisure, sport and working class cultures*. Toronto: Canadian Press, 1988; JONES, Gareth Steadman. Expresión de clase o control social? Crítica de las últimas tendencias de la historia social del "ocio". In: \_\_\_. *Lenguajes de clase. Estudios sobre la historia de la clase obrera inglesa (1832-1982)*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1989, p.72-85; HOLT, Richard (org.). *Sport in the working class in modern Britain*. Manchester: Manchester University Press, 1990; JONES, Stephen G. *Sport, politics and the working class*. Manchester: Manchester University Press, 1992; KRUGER, Arnd, RIORDAN, James orgs.). *The story of worker sport*. Champaign: Human Kinetics, 1996.

<sup>3</sup>LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer, STOTZ, Eduardo Navarro. Flutuações cíclicas da economia, condições de vida e movimento operário - 1880 a 1930. *Revista do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.61-86, dezembro/1985.

<sup>4</sup>MELO, *op.cit.*

<sup>5</sup>A discussão específica da capoeira é muito interessante para se compreender o processo de racionalização e controle das práticas tradicionais, inclusive no aspecto que se refere à cultura corporal de movimento. Para os que desejarem se aprofundar, sugiro os estudos: REIS, Leticia Vidor de Souza. *O mundo de pernas para o ar*. São Paulo: Publisher, 1997; SOARES, Carlos Eugênio Libano. *A negregada instituição: os capoeiristas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Cultura, 1993; VIEIRA, Luiz Renato. *O jogo de capoeira: corpo e cultura popular no Brasil*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

<sup>6</sup>Já existem bons estudos sobre a questão do carnaval. Sugiro para os que desejarem maiores informações: SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso - estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999; CUNHA, Maria Clementina Pereira. "Você me conhece?": significados do carnaval na belle époque. *Projeto História*, São Paulo, n.13, p.93-108, junho/1996; entre outros.

<sup>7</sup>Machado de Assis denominava a briga de galo de "Jockey Club dos pobres", tal sua popularidade. Maiores informações podem ser obtidas no estudo: TATI, Miécio. *O mundo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, 1991.

<sup>8</sup>REID, Charles A. Beasts and brutes: popular blood sports - 1780-1860. In: HOLT, *op.cit.*

<sup>9</sup>ASSIS, Machado. Touradas. In: ASSIS, Machado. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Editora Ática, 1995. p.55.

<sup>10</sup>*Ibid.*

<sup>11</sup>MELO, *op.cit.*

<sup>12</sup>EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. p.840.

<sup>13</sup>In: POMPÉIA, Raul. *Crônicas do Rio*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1996. p.38.

<sup>14</sup>MENDONÇA, Alberto B. *História do sport náutico no Brasil*. Rio de Janeiro: Federação Brasileira de Sociedades de Remo, 1909. p.17.

<sup>15</sup>O Pavilhão foi criado, em 1905, pelo prefeito Pereira Passos, um nome luminar e de grande importância nas reformas observáveis no Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX. Logo se tornou um dos principais divertimentos e local de frequência das elites da cidade. Maiores informações: MELO, *op.cit.*

<sup>16</sup>CORBIN, Alain. *O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.85.

<sup>17</sup>Maiores informações sobre as relações entre o habitante do Rio de Janeiro e o mar, podem ser encontradas no estudo de Melo (*op.cit.*).

<sup>18</sup>*Op.cit.*

<sup>19</sup>MARINHO, Inezil Penna. *Contribuições para a história da Educação Física no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1943.

<sup>20</sup>*Op.cit.*

<sup>21</sup>*Op.cit.*, p.212.

<sup>22</sup>MORSE, Richard M. As cidades 'periféricas' como arenas culturais: Rússia, Austria, América Latina. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p.205-225, julho-dezembro/1995. p.222.

<sup>23</sup>CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>24</sup>As primeiras associações beneficentes de caráter sindical surgiram em 1880.

<sup>25</sup>Uma das reivindicações mais frequentes era a redução da jornada de trabalho para 8 horas, possibilitando-lhes maior descanso e maior aproveitamento do tempo livre. As grandes reivindicações em geral estavam ligadas à melhoria de suas condições de vida.

<sup>26</sup>Ainda assim, mesmo com pouca expressão política, no final do século XIX chegaram a ser criados três partidos operários: Partido Socialista Brasileiro (1890), Partido Operário Brasileiro (1893) e Partido Operário Socialista (1895).

<sup>27</sup>CARVALHO, *op.cit.*, p.31.

<sup>28</sup>ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer - a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p.287.

<sup>29</sup>VELLOSO, Mônica Pimenta. *As tradições populares na Belle Époque carioca*. Rio de Janeiro: Fuiarte, 1988. p.8.

<sup>30</sup>HERSCHMANN, Micael, LERNER, Katia. *Lance de sorte - o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque carioca*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993. p.61

<sup>31</sup>*Ibid.*, p.61.

<sup>32</sup>JONES, *op.cit.*

<sup>33</sup>Luminar nesse sentido é a existência até a década de 30 de uma arena de touradas ao lado do hipódromo do Derby Club. Duas práticas a princípio tão díspares, uma "bárbara" e outra "moderna", convivendo tão próximas e por certo recebendo parte de público em comum.

<sup>34</sup>SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: \_\_\_\_\_. (org.). *História da vida privada no Brasil - volume 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.513-519.

<sup>35</sup>Tribofe era a denominação para as confusões ocasionadas por burlas nos resultados.

<sup>36</sup>No turfe e em outras manifestações esportivas em consolidação (como no ciclismo), onde as apostas eram constantes, esses escândalos eram muito frequentes. Já no remo, devido ao processo de controle e saneamento pelo qual passou, eram menores tais ocorrências.

<sup>37</sup>EDMUNDO, *op.cit.*, p.854.

<sup>38</sup>CARVALHO, *op.cit.*, p.160.

<sup>39</sup>METCALFE, Alan. Leisure, sport and working class culture: some insights from Montreal and the northeast coalfields of England. In: CANTELON, Hart, HOLLANDS, Robert (eds.), *op.cit.*, p.69.

<sup>40</sup>Maiores informações sobre o aumento da divisão entre as classes e a existência de espaços de inter-

relação podem ser obtidas no estudo de Araújo (*op.cit.*).

<sup>41</sup>*Op.cit.*, 1988, p.53.

<sup>42</sup>SEVCENKO, *op.cit.*, p.577.

<sup>43</sup>NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.209.

<sup>44</sup>Maiores informações sobre a inclusão da Educação Física nas escolas brasileiras podem ser obtidas no estudo: MELO, Victor Andrade de. A Educação Física nas escolas brasileiras do século XIX: esporte ou ginástica? In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). *Pesquisa histórica na Educação Física - 3*. Aracruz: FACHA, 1998. p.48-68.

<sup>45</sup>CARVALHO, José Murilo, *op.cit.*, p.41.

<sup>46</sup>JONES, *op.cit.* O autor é ainda mais enfático ao afirmar que os que compreendem dessa forma acabam formulando um explicação que é "...resultado de um modelo surrealista da consciência da classe proletária revolucionária que jamais foi visto na história real" (p.81).

<sup>47</sup>*Ibid.*, p.85.

<sup>48</sup>TOMLISON, Alan. Good times, bad times and the politics of leisure: working class culture in the 1930's in a small northern English working class community. In: CANTELON, Hart, HOLLANDS, Robert (eds.). *Leisure, sport and working class cultures*. Toronto: Canadian Press, 1988. p.59.

<sup>49</sup>VELHO, Gilberto. Estilo de vida e modernidade. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p.227-234, julho-dezembro/1995. p.228.

---

#### UNITERMOS

*História do esporte; remo.*

\*Victor Andrade de Melo é professor Doutor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Endereço eletrônico do autor: victor@marlin.com.br